

INFERNOS

Rufiães (ou Rufiões?)

Todos nós, rufias, rufiões e rufionas, proxenetas, patifes, chulos, biltres e demais missionários da pulhice, engordamos inalando os perfumes de esgoto, os eflúvios do estrume. Todos ouviremos tranquilos o zurzir do chicote do fim, se é que a rufiagem tem um fim.

Todos somos seguidores e discípulos daquele Caccianemico que vendeu ao melhor preço a irmã virgem. Quem tenha mãe para vender, ou irmã mesmo não virgem, que as venda sem hesitar. Não pela grana, só por amor à patifaria.

Todos fazemos frente à besta da coleira de espinhos, à fera de olhos indiferentes e de quatro fiadas de dentes alinhados ao longo dos quatro lábios frios. Todos desafiamos a fossa das dez valas, a lotaria da bifronte justiça. Assim seremos dignos do nome de rufias.

Almeida Faria

Almeida Faria nasceu em 1943 em Montemor-o-novo, em Portugal. Aos dezenove anos publicou o seu premiado romance *Rumor Branco*. Além de romancista, é autor de ensaios, contos e teatro. Seus romances receberam vários prêmios e foram traduzidos para diversos países. Além disso, seus textos são objeto de muitas dissertações e teses universitárias.

Na Universidade Nova de Lisboa, lecionou Estética no Departamento de Filosofia e, noutros departamentos, deu curso de Teoria da Literatura e Psicologia da Arte.

Fez numerosas conferências em universidades europeias, norte americanas e brasileiras e tem artigos publicados em português, espanhol, francês, italiano, alemão, dinamarquês e sueco.

Ao conjunto de sua obra foi atribuído o Prêmio Vergílio Ferreira da Universidade de Évora e o Prêmio Universidade de Coimbra.